



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ZELIRA MENDES EICHENBERG II**

**(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-212

**Entrevistada:** Zelira Mendes Eichenberg

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada

**Entrevistadora:** Daniela Natividade

**Data da entrevista:** 06/11/2010

**Transcrição:** Daniela Natividade

**Conferência Fidelidade:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Johanna Coelho Von Muhlen

**Fitas:** Gravador digital

**Total de gravação:** 43 minutos e 18 segundos

**Páginas Digitadas:** 13

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

EICHENBERG, Zelira Mendes. *Zelira Eichenberg II (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Início do envolvimento da professora Zelira Einchenberg com Ginástica Rítmica, na década de 1970, através de cursos em São Paulo e outros, oferecidos pela Confederação Brasileira de Ginástica; trabalho com ginástica rítmica escolar no Colégio Estadual Júlio de Castilhos e Colégio Anchieta; participação nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs); início das competições no RS; estrutura das aulas e dos treinamentos específicos (corporal, música e movimento e com aparelhos); ginastas de destaque na época; trabalho de GR com meninos; Códigos de Pontuação e arbitragem da modalidade; utilização de pianista para compor e interpretar as músicas utilizadas nas coreografias; início da GR nos clubes do RS.

Porto Alegre, 06 de novembro de 2010. Entrevista com Zelira Eichenberg a cargo da entrevistadora Daniela Natividade para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

D.N. – Professora, como tu ficaste sabendo da modalidade Ginástica Rítmica?

Z.E. - Em 1972, eu fui fazer um curso em Santos, aqueles cursos de férias para professores de Educação Física. Nós fomos num grupo daqui. Eu já trabalhava numa escola estadual, no Julinho<sup>1</sup>, e em um colégio particular que era o colégio Anchieta<sup>2</sup>, que me davam grandes oportunidades. Fui a primeira professora mulher dentro do Anchieta que estava iniciando as atividades com meninas. E, em 1972, teve esse curso e eu fui. Uma das matérias desse curso foi com a Ilona Peuker<sup>3</sup> “Ginástica Rítmica Desportiva”. Aliás, a Ginástica Rítmica Desportiva mudou muito de nome. De ginástica moderna para ginástica rítmica, a GRD, como é conhecida a Ginástica Rítmica Desportiva. E, a partir desse trabalho de três ou quatro dias com a Ilona, eu fiquei conhecendo algumas técnicas que já trabalhavam com isso no Rio de Janeiro. Foi um núcleo onde a Ilona trabalhava no Rio de Janeiro. A partir daí, todos os cursos que aconteciam, eu era convidada, porque eu já tinha deixado meu nome e endereço - na época não tinha e-mail – e, quando eu voltei, abri uma escolhinha de ginástica rítmica dentro do Anchieta. Foram os primeiros passos, engatinhando. Eu trabalhei mais na rede escolar com ginástica rítmica escolar, como era chamada. Não trabalhávamos com desportiva porque não tínhamos competições. E, a partir daí, através do Departamento de Educação Física do Estado, antigo DEF, eles resolveram fazer uma competição estudantil.

D.N. - Tu lembra em que ano isso?

Z.E. - Eu não sei se foi em 1973 ou 1972. Eu acho que foi em 1973, porque ainda não era muito difundido em 1972. Em 1973 houve a primeira competição em todo o Rio Grande do Sul. com séries obrigatórias. Então, dentro dessa escolhinha no Anchieta, eu, mais ou

---

<sup>1</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos, tradicional instituição de ensino na cidade de Porto Alegre/RS. Foi fundado em 23 de março de 1900, com o nome de Gimnasio do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Colégio Anchieta, Porto Alegre/RS. Fundado em 13 de janeiro de 1890 (<http://www.colegioanchieta.g12.br>).

<sup>3</sup> Professora pioneira na Ginástica Rítmica no Brasil.

menos, inscrevi seis grupos, porque eu abria muito para qualquer criança que quisesse e tivesse essa possibilidade de trabalhar.

D.N. - E tu lembras a partir de que faixa etária e até qual?

Z.E. - Eu tinha a partir da idade do estabelecimento de ensino. Eu trabalhava a partir da quarta série.

D.N. - 10 anos.

Z.E. – Sim. Porque as outras séries eram dadas em outro ambiente e não tínhamos acesso. Depois dessa primeira competição estudantil, no ano seguinte, a Federação já fez a primeira competição oficial e aí com aparelho, bola e corda novamente, porque essa série, na verdade, era uma série de corda e mãos livres. A partir daí, nós começamos a dar muitos cursos também, porque, como o DEF tinha interesse em que o Rio Grande do Sul comesse a participar, nós fomos sendo envolvidos pelos convites de cursos em Santa Maria, Pelotas, Uruguaiana, vários núcleos... Novo Hamburgo.

D.N. - Depois que tu fizeste o curso em 1972, em Santos, tu lembras de algum curso que tu tenha ido?

Z.E. – Sim, aí já pela Federação Brasileira de Ginástica Brasileira, que era a CBG, Confederação Brasileira de Ginástica e, a partir daí, os cursos de arbitragem. Então, a partir da Confederação, o convite para as Federações de cursos de arbitragem. Junto com os cursos de arbitragem, nós tínhamos a parte técnica também.

D.N. - Tu chegaste a lembrar de algum curso que o a Ilona deu em Porto Alegre na UFRGS<sup>4</sup>?

Z.E. – Sim. A partir do momento que tivemos contato com a Escola de Educação Física através da Zaida<sup>5</sup>, que ficou muito surpresa, porque ela não sabia que havia competições

---

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (<http://www.ufrgs.br>).

<sup>5</sup> Zaida Pallarés, também uma das pioneiras no trabalho com ginástica rítmica no Brasil.

em ginástica rítmica. Nós tínhamos um contato mais direto com o grupo da Ilona Peuker. Aí nós fizemos um contato e, uns três anos ou quatro anos depois, ela deu esse primeiro curso na ESEF<sup>6</sup>.

D.N. - Não lembras mais ou menos o ano? Tu chegaste a participar do curso?

Z.E. – Sim.

D.N. - E tu lembras que pessoas participaram?

Z.E. - Vieram várias pessoas de todo o Rio Grande do Sul. Tinha gente que já havia feito cursos conosco no interior. Então, foi bastante divulgado. Vieram muitas pessoas. Eu me lembro que tínhamos que fazer vários grupos. Esse foi o primeiro que a ESEF trouxe.

D.N. - A ESEF da UFRGS.

Z.E. – Foi o primeiro curso que a Ilona foi convidada. Neste curso, ela trouxe uma aluna que foi a primeira atleta a competir em uma competição internacional.

D.N. - Tu lembras o nome?

Z.E. - Daysi Barros<sup>7</sup>. Aí começamos a se conhecer. Nós fizemos vários trabalhos juntos, de cursos, de conhecimento, porque ela me passou muitos conhecimentos. Através dos JEB'S, Jogos Escolares Brasileiros, a ginástica rítmica começou a se projetar. Porque, com o JEB'S, todos os estados vinham até Brasília, ou onde estavam sendo realizados os jogos. E esse Departamento de Educação Física e a ginástica rítmica, dentro do JEB'S, faziam cursos preparatórios para os técnicos e para os árbitros e daí eles voltavam aos seus estados e difundiam as novas técnicas.

D.N. - Aonde foi o primeiro JEB'S? Tu lembras?

---

<sup>6</sup> Escola de Educação Física da UFRGS (<http://www.esef.ufrgs.br/>).

<sup>7</sup> Importante ginasta carioca da modalidade na década de 1970.

Z.E. - Os JEB'S já existiam, mas, a integração da ginástica dentro do JEB'S, foi a partir da década de 1970.

D.N. - E a primeira competição? Tu lembras?

Z.E. - Acho que foi no interior de São Paulo.

D.N. - A primeira competição aqui no Rio Grande do Sul foi aonde?

Z.E. - Em Porto Alegre.

D.N. - Em que lugar?

Z.E. - Foi no IPA<sup>8</sup>, no antigo ginásio.

D.N. - Como tu trabalhavas a ginástica moderna com as tuas alunas? O que era mais importante? Como tu ministravas uma aula de ginástica?

Z.E. - No início, meu objetivo era difundir os tipos de atividades dentro da GRD que pudesse desenvolver a criança nas suas mais diversas possibilidades e habilidades. Eu utilizava os aparelhos para motivar as crianças a praticar uma atividade. Com o passar do tempo e com as exigências que começaram a surgir nas competições, nós fizemos um grupo que se interessava mais a participar de competições e as escolinhas que eram todo mundo. Então, já trabalhávamos separado. Quando eu saí do Anchieta, comecei a trabalhar na Feevale<sup>9</sup> no Departamento de Ginástica Rítmica.

D.N. - Que ano isso?

Z.E. - 1976, eu acho. Eu tive que largar o Anchieta porque não tinha mais possibilidade.

D.N. - E tu continuavas trabalhando naquela escola estadual?

---

<sup>8</sup> Instituto Porto Alegre, vinculado à Rede Metodista de Ensino (<http://www.metodistasul.edu.br>).

Z.E. - No Julinho sim. Depois da Feevale, eu recebi um convite para dar um curso de ginástica rítmica dentro da UFRGS. Aqueles cursos de pós-graduação que tinha e era à noite e então eu passei meu conhecimento, o pouco conhecimento que eu tinha, porque aqui no Brasil era tudo engatinhando com GRD. Não tínhamos muito acesso. Hoje em dia, com a internet, tu consegues tudo. Naquela época, não tinha um livro. O livro era uma coisa que tu tinhas que copiar, porque não tinham muitos. Eu recebi um convite para trabalhar com a ginástica rítmica desportiva auxiliando uma professora. Eu não me dediquei muito à competição naquela época. Eu queria mais era desenvolver a ginástica rítmica escolar. Como trabalhei mais de vinte anos com “ballet” clássico, eu tinha muita facilidade com coreografia, em trabalhar movimento, música. Então, comecei a verificar as possibilidades desse trabalho dentro do Anchieta. Quando fui obrigada a sair e entrou uma professora ao meu convite, para que ela desenvolvesse esse trabalho lá, ela começou a desenvolver pequenos grupos de competições e, quando ela saiu do Anchieta, levou esse grupo para o Internacional<sup>10</sup> que abriu um Departamento de Ginástica Rítmica lá.

D.N. - Que ano?

Z.E. - A partir de 1979.

D.N. - Antes de sair do Anchieta, essa equipe que tu dividiste, chegou a competir em estaduais?

Z.E. – Sim, nas competições estaduais da Federação.

D.N. - Como eram os treinamentos? O que tu priorizavas? Na época, o que tu trabalhavas para desenvolver elas?

Z.E. - Para entender naquela época, como era difícil esse início: não tinha aparelhos de ginástica rítmica. O único lugar que tinha as bolas de ginástica rítmica era no Anchieta, porque eles trouxeram uma leva de material da Alemanha. Aquelas claves, não eram

---

<sup>9</sup> Universidade Feevale (<http://www.feevale.br/>).

<sup>10</sup> Sport Clube Internacional (<http://www.internacional.com.br/>)

maças. Eram pesadas e as bolas eram um diferencial porque era o único lugar que tinha bolas de ginástica rítmica, que não eram nada parecidas com as atuais, mas eram as melhores na época. Então, nós tínhamos essa prioridade de ter esses aparelhos, mas com muita dificuldade. Acho que a primeira boa de trabalho foi na década de 1980. Eu trabalhava muito com música e movimento. A prioridade era a música, a coreografia dentro da música e a coreografia dentro da música com o aparelho. Tinha os elementos que não se podia incluir, os pré-acrobáticos. Muitos não podiam acontecer dentro de uma série. Era mais o movimento corporal e o aparelho e, quando era mãos livres, aí então era só a técnica corporal.

D.N. - Vocês trabalhavam a flexibilidade?

Z.E. - Não tínhamos preparador físico. A técnica, a professora, que fazia tudo. Eu tinha algum conhecimento por causa do “ballet”. Tinha uma barra especializada. Depois da barra, fazíamos um trabalho de flexibilidade, iniciando a flexibilidade.

D.N. - Não era uma coisa tão exigida, não é?

Z.E. – Não, era somente um trabalho que desse condições para uma ginasta sustentar mais as pernas do que a elevação da perna e saltos que eram bastante exigidos. Eu já trabalhava com os pré-acrobáticos mesmo sem poder incluir, porque eu sabia que isso dava muita segurança para as ginastas. Tu poder colocar as mãos, erguer as pernas, os rolinhos iniciais para frente, para trás, o básico que se dava na ginástica olímpica. A roda, os pré-acrobáticos e a parada de mão que eu dava. Eu achava importante para o equilíbrio.

D.N. - E os outros materiais, arco, corda...

Z.E. - Na época, como ninguém tinha aparelho no Rio Grande do Sul, a possibilidade era: a corda, que podíamos comprar e fazer, mãos livres, que todo mundo podia fazer, e começamos com a fita, porque se fazia uma haste de madeira, se colocava um aparelhinho que a pesca usava para a fita girar sem enrolar. Era mais fácil. Era uma brincadeira. Não eram as fitas oficiais. Então, já era um pré-desenvolvimento e, os arcos, se trabalhavam

com os bambolês de plásticos. Nós forrávamos. Nós tínhamos, no Anchieta, os arcos de madeira, mas eram muito pesados para crianças.

D.N. - Tu lembras de alguma aluna que tenha participado dessa escolhinha, dessa equipe, e tenha continuado depois como ginasta?

Z.E. - Sim, a Marta Azevedo se tornou uma ginasta. A Juliane Andreis<sup>11</sup> que trabalhou comigo depois. Depois elas se tornaram técnicas. A Juliane eu acho que ainda trabalha com GRD.

D.N. - Tu lembras de mais alguma?

Z.E. - Dessa época não. Depois tem as minhas ginastas que foram campeãs brasileiras e foram até para o mundial...

D.N. - E esse pós que tu deu na UFRGS, como eram essas aulas? Eram só mulheres? Como tu trabalhavas?

Z.E. - Em um dos cursos eu tive um rapaz.

D.N. - Tu lembras o nome dele?

Z.E. - Não.

D.N. - Que ano?

Z.E. - Não sei. Esse curso foi dado dois ou três anos seguidos. Todas as matérias eram dentro de um curso de pós-graduação. Então, todos eles faziam todas as matérias e as partes práticas eram escolhidas: voleibol, basquete, ginástica rítmica. Em um dos cursos, eu tive um rapaz que não chegou a terminar, eu acho. Mas, a maioria, era mulheres. Depois vinha muita gente do interior. Depois a própria ESEF dava esses cursos de pós no interior.

---

<sup>11</sup> Julianne Felker Andreis.

Demos um curso em Bagé de ginástica rítmica, voleibol, basquete. Nós íamos até lá para dar o curso. Todo final de semana

D.N. - Cursos precários, tu chegaste a dar aula?

Z.E. - Os cursos para professores sem formação. Eu dei na Feevale que não era de ginástica rítmica. Ele incluía a ginástica rítmica. Eram várias matérias. Esses professores a título precário vinham do interior para fazer cursos de atualização e, dentro desses cursos, tinha a ginástica rítmica. Mas não era um curso específico. Era uma matéria e eu aproveitava e dava aula de ginástica rítmica escolar que eu achava importante para o desenvolvimento das crianças. Já pensando em aulas para meninos - naquela época era dividido -, eu já trabalhava com os homens dizendo que muita coisa poderia ser aplicada, até para dar coragem. Jogar uma bola, fazer um rolinho.

D.N. - Aonde estavam os meninos em todo desenvolvimento da ginástica?

Z.E. - Não estavam na década de 1970. Em 1980, quando eu comecei a trabalhar na Sogipa<sup>12</sup> com GRD, nós dávamos um cursinho de férias e convidávamos o pessoal do interior. Aí apareceram os primeiros homens.

D.N. - Praticantes?

Z.E. – Praticantes que terminaram sendo técnicos. Tinha um menino que, trabalhava com patinação em Santa Cruz, que se interessou pelos movimentos. Terminou fazendo esses cursos conosco na Sogipa e terminou sendo técnico. Não lembro o nome, mas ele levou ginastas até para campeã brasileira. Final dos anos 1980. Dentro da própria ESEF, tínhamos alunos que faziam GRD. Depois da reestruturação do currículo, obrigatório era a disciplina de Fundamentos. Ginástica rítmica escolar e a GR só fazia quem optava e ali nós tínhamos alguns meninos. Um deles ingressou na dança, o Aldo<sup>13</sup>. Passou com excelente.

D.N. - E os árbitros, como vocês se organizaram sem os códigos? Para ter um parâmetro...

---

<sup>12</sup> Sociedade Ginástica de Porto Alegre (<http://www.sogipa.com/>).

<sup>13</sup> Aldo Gonçalves.

Z.E. - Na primeira competição que houve no Rio Grande do Sul não havia, realmente, um código, mas nós recebemos como era uma competição escolar de séries obrigatórias. Já vinha mais ou menos o que era para ser feito. Era mais a técnica corporal e a própria série coreográfica. Não podia fazer além daquilo. Essa era uma das notas e a execução era uma das notas. Não tinha muito. A partir desses cursos com a Confederação, nós tivemos os primeiros códigos. A Federação daqui começou a incentivar as competições.

D.N. - Tu começou a trabalhar como árbitra?

Z.E. – Sim.

D.N. - A partir de que ano?

Z.E. – 1970. As primeiras competições.

D.N. - Participava como árbitra escolar?

Z.E. – Não. Só depois no JEB'S. Daí eu era convidada do Ministério da Educação. No Rio Grande do Sul eu era técnica e na Federação atuava como árbitra. Na Confederação eu recebi muitos convites. Aí eu já era árbitra nacional. Então, eu trabalhava também nas competições e, no JEB'S, a convite do Ministério da Educação.

D.N. - Vocês tinham séries? Tu montavas para as tuas ginastas? Como eram as músicas?

Z.E. - Existiam as séries obrigatórias que já vinham todas montadas e tinham as séries coreográficas que tu escolhia a música. Só não podia mudar o aparelho. A Confederação ou o JEB'S já tinha definido: conjunto com bolas, individual: corda, maça e fita, mas já recebíamos o que tínhamos que trabalhar.

D.N. - Como tu escolhias as músicas?

Z.E. - Por gosto. Era muito limitado. No início era só piano.

D.N. - Como tu montavas as coreografias com piano?

Z.E. - A partir do momento que saí do Julinho - trabalhei quatorze anos no Julinho - comecei a trabalhar no CETE<sup>14</sup>. Aliás, tínhamos escolhinhas e montamos até uma “baby class” a partir dos quatro anos de GR. Mas, no CETE, eu tinha uma pianista.

D.N. - Tu lembras o nome dela?

Z.E. - Suzana Menda. Ela montava essas séries através de músicas brasileiras, estrangeiras. Aí era fácil porque ela via a série e tocava de acordo.

D.N. - Então, tu montavas a série e ela encaixa a música?

Z.E. - Às vezes, ela me dava a música e eu montava a série.

D.N. - E no Anchieta também tu tinhas isso? Como tu fazias lá?

Z.E. - No Anchieta, montávamos a música com a Suzana e depois montávamos a série porque nós não tínhamos piano dentro do espaço no ginásio que trabalhávamos. Eu preferia montar a música de acordo com as possibilidades e depois eu montava os exercícios.

D.N. - No “ballet” também só podia usar piano, não é?

Z.E. - Piano sem nada. Depois iniciamos com música orquestrada sem voz.

D.N. - No Julinho tu chegaste a trabalhar com GR?

Z.E. - Não. No Julinho não. Só com dança. Lá era só segundo grau. A direção uma vez convidou para fazer um projeto para SEC<sup>15</sup> e nesse trabalho tinha danças folclóricas e

---

<sup>14</sup> Centro de Treinamento do Rio Grande do Sul, atualmente mantido pela FUNDERGS.

<sup>15</sup> Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul.

dentro da ciência. Então, convidamos alguns grupos de alunos integrados e trabalhamos dentro da dança.

D.N. - Sabemos, pela publicação, que na ginástica moderna houve aquele período considerado de massificação. Tu trabalhavas com esse intuito? Como era? Sabemos que tem a linha da Vera que trabalhava com o GRUGIPA<sup>16</sup> que era um grupo bem famoso na época e que ia como um grupo de apresentação.

Z.E. - Era com meninas adultas, não é?

D.N. - Era com meninas da graduação do IPA. Então, queria saber se teu grupo fez alguma apresentação? Tu trabalhaste nessa linha de massificação?

Z.E. - Sempre na área escolar. Meu objetivo, no primeiro, sempre foi o escolar. Era introduzir todos os que quisessem abrir a porta da ginástica para todas as crianças. Infelizmente, naquela época, só as meninas, porque depois nós queríamos trabalhar com os meninos, mas sempre com massificação. Todo mundo podia fazer sem nenhum objetivo maior.

D.N. - Essa escolinha do Anchieta era em horários contrários das aulas? Valia como aula de Educação Física?

Z.E. – Sim. No primeiro momento sim. Depois começamos a fazer fora do horário escolar.

D.N. - Escolhinhas mesmo. Horários extras...

Z.E. – Aí então já ampliando o grupo que fazia apresentação e só massificação. Nós tínhamos um grupo de apresentação e éramos convidadas a fazer apresentações. Tinha um professor em São Leopoldo que dava em um clube. Aí íamos para fazer umas apresentações, sempre quando eram solicitadas.

---

<sup>16</sup> Grupo de Ginastas, formado pela professora Vera Angheben, na ESEF – IPA, na década de 1970, com o objetivo de divulgar a prática da Ginástica Rítmica no RS.

D.N. – E o convite era seguido? Tu achas que isso causava um interesse das pessoas pela procura da modalidade?

Z.E. - Dentro das escolas sim. Sempre que fazíamos apresentações dentro das escolas os professores conversam conosco para desenvolvermos lá dentro dessas escolas.

D.N. - Particulares ou estaduais?

Z.E. - Particulares e estaduais. Aí proporcionávamos: “Olha, tem curso de pós-graduação no tal lugar”, “dentro da Federação tem algumas competições”. As primeiras competições que aconteceram no Rio Grande do Sul tinham como objetivo massificar. Tanto que a primeira competição dentro do Rio Grande do Sul tinha muita gente porque o objetivo era que as pessoas conhecessem.

D.N. - Não tinha um nivelamento para participar...

Z.E. - Dentro das Escolas de Educação Física não existia essa disciplina.

D.N. - Só como curso. Buscar como extracurricular. Não era uma matéria dada dentro do curso de Educação Física?

Z.E. - Exatamente, tanto que me formei em 1967 e só chegou ao Rio Grande do Sul em 1972. Mesmo assim com certas dúvidas: “Isso existe mesmo?”. “Existe competição em GR?”. Eram perguntas que os professores da UFRGS faziam.

D.N. - Tu lembras de algum outro apontamento? Como era a divulgação da GR na mídia?

Z.E. - Dificilmente a mídia divulgava alguma coisa que não era do interesse das pessoas. O interesse era futebol. Nem o voleibol era interesse naquela época. O importante é que, depois que teve um interesse da Federação de Ginástica pelas competições - havia uns espaços para competição no jornal - dentro daqueles espaços do jornal eles colocavam as competições. Mas o grande patrocínio da ginástica era o “patrocínio”. Os pais foram os grandes divulgadores para as pessoas: “A minha filha está fazendo”, e, na verdade, o

dinheiro era deles. Tinha que fazer a mala, comprar um aparelho. Então, sempre, através do boca a boca e os clubes começaram a se interessar pela GR porque as crianças que faziam GR nas escolas começaram a falar para os pais e os pais começaram a exigir nos clubes. Então, foi uma forma dos clubes começarem a se interessar.

D.N. - Em que década que tu lembras que a GR foi para os clubes?

Z.E. - Eu não trabalhava nos clubes inicialmente. Teríamos que ver dentro da Federação os registros. Deve ter alguma coisa sobre as primeiras competições.

D.N. - O que significou a primeira década para ti?

Z.E. - A partir de 1972, meu foco dentro da Educação Física mudou muito. Vinte e tantos anos de “ballet” clássico. Eu não via muita utilização daquilo que eu tinha aprendido. A partir de 1972, eu pude aproveitar minha orientação em dança para isso. Mudei muito porque a disciplina do “ballet” é bastante diferente do que se fazia na época. Hoje, se tu queres uma ginasta competindo em campeonatos mundiais, olimpíadas e panamericanos, a disciplina é tão forte como era o “ballet” na época, mas muito dessa disciplina eu pude utilizar nos meus treinos. Quando iniciei na parte desportiva, eu pude ver que o “ballet” dava muita coisa que as ginastas precisavam que as pessoas não tinham se dado conta. No início era proibido usar o “ballet”. No início, o “ballet” era bem longe, não podia nem usar gestos. No treinamento eu já usava. Eu era uma pessoa que tinha muita sustentação de perna, muita flexibilidade e, dentro da GRD, eu estava vendo a necessidade disso. Comecei a criar umas barras de aquecimento. Naquele momento, eu via a necessidade. Quando eu fui nas primeiras competições internacionais, começamos a perceber. Felizmente, eu tive grandes chances por causa dessa preparação. Eu era muito detalhista, com exceção da massa. Quando eu desenvolvia o trabalho de massa, eu queria a alegria das crianças. No CETE, eu trabalhava com todas as crianças mesmo sem saber se elas iam dar para a ginástica, e fazia as músicas que elas gostavam: a chula, atirei o pau no gato, com materiais que eram mais fácil de conseguir, cordas, até com fitinhas na mão, já com objetivo da GR, mas com aparelhos. Depois, no CETE, como era difícil os clubes aceitarem as primeiras competições, começamos a fazer associações esportivas para poder competir. Alguns técnicos conseguiam uma autorização dos clubes para poder competir com o nome deles.

Dentro do CETE, se fez uma associação desportiva para poder trabalhar. Então, essas crianças que eram escolhidas ou descobertas, eram levadas para essas associações desportivas que assim poderiam competir. No momento que os clubes começaram a abrir - eu trabalhei no Internacional, como na Sogipa - as escolhinhas eram a massificação. As escolhinhas sempre foram a porta para entrar dentro da GR. Depois dali, os técnicos escolhiam as ginastas. No início do meu trabalho, sempre pensava nas crianças. Depois que comecei a trabalhar como técnica, tive que largar as escolhinhas. Nós viajamos para o mundial com um preparador físico. Recebemos o “paitrocínio”. Fomos pelo Uruguai, para o mundial, para Atenas em 1991. Fomos no panamericano, com a Dolores Capulco<sup>17</sup>. A Dolores foi campeã brasileira três anos seguidos. Depois já tínhamos um desenvolvimento. A partir do momento que vimos a exigência maior ainda, porque tu via as ginastas estrangeiras, principalmente da “cortina de ferro”, como se dizia, Rússia e Bulgária, - a Bulgária foi um grande celeiro – nós vimos que tínhamos que mudar muito. E que o desenvolvimento do esporte, foi assim no voleibol, na natação e na GR está sendo assim também. Na GO<sup>18</sup> eles trouxeram alguns técnicos para trabalhar. Na GR é diferente. Nós convidávamos os técnicos para dar os cursos juntos conosco. Trabalhavam aqui e depois a técnica brasileira que ficava trabalhando. Nunca tivemos uma técnica estrangeira que levasse, na verdade, os nossos ginastas para competir lá fora. Na GO já é diferente. Já tivemos a Daiane<sup>19</sup> levada por esse técnico importado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>17</sup> Dolores Capurro, ginasta de destaque na década de 1980.

<sup>18</sup> Referindo-se a modalidade de Ginástica Artística (GA), antigamente conhecida por Ginástica Olímpica (GO).

<sup>19</sup> Daiane dos Santos, ginasta da GA com grande destaque no cenário mundial nos anos 2000.